

Aproveite o dia. Agarre uma oportunidade. Viva o momento presente. O sentido do termo latino *carpe diem* varia conforme o país e o momento histórico. Esse é o tema de um livro que resgata a arte de aproveitar a vida, do filósofo britânico Roman Krznaric

por Danilo Thomaz

13 PERGUNTAS PARA KRZNARIC



1. Afinal, *carpe diem* — que dá nome a seu livro — não significa “aproveite a vida, o momento”?

Creio que a tradução de *carpe diem* para o português é, em geral, “aproveite o dia”. A história do conceito de *carpe diem*, que remonta há 2 mil anos, tem uma série de significados. Um deles é, justamente, o de aproveitar a vida. Outro significado é agarrar as oportunidades que, provavelmente, não vão se repetir. Outro significado é viver o momento presente. Há a visão política, que fala sobre agarrar uma oportunidade coletivamente.

2. Como pensar em um estilo de vida *carpe diem* — no sentido de aproveitar o dia, a vida — se estamos o tempo todo com a agenda sobrecarregada e com tantos estímulos para a ansiedade?

Hoje em dia há muitos limites à maneira como expressamos nossa liberdade. Uma das limitações em aproveitar o dia hoje é a cultura que temos vivido, na qual as pessoas colocam sua vida nas plataformas digitais, (*estão sempre*) checando mensagens... Por isso o *carpe diem* é um conceito valioso: (*ele*) nos reconecta com nosso senso de humanidade, com a capacidade de expressar nossa liberdade.

3. O senhor diz que o “faça isso” — uma das premissas do *carpe diem* — foi substituído por “assista a isso”. No entanto, estamos também a todo instante mostrando nossa vida nas redes sociais. Não seria mais preciso dizer “assista a isso e mostre isso”?

Acredito que sim. “Veja isso e tuite isso.” O mundo digital não é apenas passivo. Em parte você está apenas assistindo, (*mas*) nós estamos constantemente tentando nos colocar no mundo. (*A questão é que*) nós estamos mostrando uma pequena parte de quem somos.

4. O “mostre isso” é uma consequência do fato de não estarmos vivendo como poderíamos?

Sim, é uma consequência. Boa parte de nossa vida está mediada pela tela. Estamos perdendo contato com as experiências reais. Há uma grande diferença entre assistir a um jogo de futebol e jogar futebol com seus amigos. Quando meus filhos, na Inglaterra, falam com os avós na Austrália, eles podem viver suas emoções. Mas não importa quão bom isso seja, não é o mesmo que estar num mesmo espaço, juntos. Os seres humanos são animais sociáveis. A vida digital é solitária. Você está sozinho, mesmo interagindo com outras pessoas.

5. Ao mesmo tempo, em séries e filmes há sempre a mensagem de “aproveite a vida”, “tome decisões”, “só depende de você”.

(*Isso acontece*) por causa da cultura de consumo. Empresas dizem “faça isso” em parte porque querem vender mais sapatos ou roupas. Elas estão tentando vender um estilo de vida. “Faça isso” tornou-se “compre isso”. Aproveitar o dia passou a significar “aproveite seu cartão de crédito”. A cultura de consumo capturou nossa liberdade. Nós estamos decidindo que marca de sapatos comprar, que roupa vestir, e não decidindo o que fazer de nossa vida. Estamos deixando de lado as grandes questões existenciais, as decisões que vão levar a vida a uma nova direção. Acho que todos devemos nos perguntar: mesmo no sentido prático, que decisões eu tomei hoje? Minhas decisões estavam mais ligadas ao que eu compraria ou decidi passar mais tempo com meus filhos?

6. Por que é tão difícil desligar-se da TV e das redes sociais?

A cultura digital e a TV em particular são feitas para nos deixar viciados. Esse tipo de vício é atrativo para o cérebro: é fácil, diminui o estresse. Mas é limitado para o ser humano e para o prazer humano. O que dá sentido a nossa vida? São três coisas: a primeira é a qualidade de nossas relações, com amigos, familiares; a segunda é ter um propósito na vida, algo maior que você, com o que você se importa; a terceira é autonomia e liberdade. A TV não dá nenhuma dessas coisas. Você pode ter uma relação com um bom personagem na TV, mas isso é muito diferente de ter uma relação de verdade.

7. O senhor cita no livro a vida nas favelas cariocas como um exemplo de *carpe diem*. A pobreza não é uma limitação nesse sentido?

Depende do tipo de *carpe diem* de que você está falando. Pessoas na pobreza vivem mais o dia a dia, porque não podem planejar. Então elas vivem o *carpe diem* no sentido “aproveite o dia”. Mas, claro, se você vive na favela, você não pode ir para uma universidade, por exemplo. Essas escolhas não estão em sua mão. A pobreza limita sua capacidade de escolha. As questões são: eu tenho o controle sobre minha vida? Tenho condições de viver minha liberdade? As pessoas (*nas favelas*) não sentem que têm escolhas na vida. Elas estão apenas lutando para sobreviver. O *carpe diem* no sentido de criar ou escolher o caminho de sua vida é mais difícil para as pessoas vivendo numa favela. É mais fácil se você for um milionário fazer escolhas na vida.

8. Para as pessoas de classe média que vivem nos grandes centros também é difícil, não?

Claro que sim. Essas pessoas se baseiam na ideia de que a boa vida requer bens materiais, então você trabalha duro para ter essas coisas. Quando você adquire um bom carro, seu nível de felicidade imediatamente sobe — e depois desce.

9. E como é possível resolver essa equação?

As pessoas que decidem viver com mais simplicidade vivem mais próximas de um sentido *carpe diem*, têm mais opções, são mais livres. Talvez seja necessário encontrar sua vida *carpe diem* em outros lugares. Não se trata de encontrar isso naquilo que você compra, mas nas relações que você tem.

Na política, o *carpe diem* se manifesta em ações coletivas como o movimento Occupy Wall Street, segundo Roman Krznaric



10. O senhor diz no livro que o conceito de *carpe diem* como “viver o momento presente” remonta aos anos 90. Isso tem a ver com a ascensão neoliberal no mundo?

A ideia de que o *carpe diem* significa prazer é muito estreita, individualista ou neoliberal. Essa ideia de que *carpe diem* é sobre mim — meu prazer, minha liberdade — é muito diferente da ideia de *carpe diem* ao longo da história. Nessa perspectiva (*neoliberal*), eu faço minhas escolhas sem me importar em quanto isso impacta outras pessoas. Isso é muito limitado. O problema da versão neoliberal é não pensar no impacto na vida das outras pessoas, nas consequências, que responsabilidades eu tenho. Por isso acredito que uma versão profunda de *carpe diem* é quando criamos oportunidades para pessoas que vivem à margem da sociedade. Precisamos democratizar a ideia de *carpe diem*. Precisamos pensar nas questões éticas e morais: como a maneira de eu aproveitar o dia limita as escolhas de outras pessoas?

11. Qual a relação entre o *carpe diem* e a ética?

Historicamente, *carpe diem* não é ético o suficiente. Houve poucas discussões éticas a esse respeito. Pensadores existencialistas como Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir tentaram tornar o *carpe diem* mais ético, mas não foram muito bem-sucedidos. Precisamos criar uma ética para o *carpe diem*. Essa é uma das intenções de meu livro, de certa maneira. Tornar o *carpe diem* um conceito menos individual e mais coletivo. Sim, é ótimo ter liberdade, mas precisamos pensar nas consequências para o coletivo.

12. Existe alguma maneira segura de ser hedonista?

Não sei no Brasil, mas na Europa as pessoas têm medo do hedonismo, que é associado a um estilo de vida excessivo. Eu vejo o hedonismo como algo mais belo que isso. O hedonismo é uma maneira de nos conectarmos com nossos sentidos, uma maneira de provar, sentir e explorar o mundo. Se você pensa em compartilhar prazeres, você está pensando em hedonismo. Os maiores prazeres são aqueles que dividimos com outras pessoas: almoçar com sua família, fazer sexo, dançar. Não podemos pensar no hedonismo só pelo lado do prazer excessivo e individual.

13. De que forma o *carpe diem* se encontra com a política?

Historicamente, *carpe diem* se expressa de uma maneira coletiva na política. As pessoas se organizam no meio da bagunça e, juntas, agarram uma oportunidade, o momento presente. O exemplo clássico de uma mobilização social *carpe diem* é 1989, com a queda do muro de Berlim. Esse é um momento histórico *carpe diem*. As pessoas aproveitaram uma oportunidade, destruíram um regime, derrubaram o muro. E acredito que o momento atual seja como aquele. Nós vemos isso no movimento Occupy (*Wall Street*), depois da crise financeira (*de 2008*); nos movimentos contra o Trump. O mundo está em seu momento mais instável desde o fim da Guerra Fria. Tudo pode mudar muito rápido. Em muitos países há espaço para uma (*ação*) política *carpe diem* porque as coisas podem mudar muito rápido. Nós estamos aprendendo a usar o mundo digital para mobilizar as pessoas.

Roman Krznnaric estará no Brasil entre os dias 11 e 16 de outubro para palestra e lançamento do livro. Em São Paulo, no dia 11/10, na Unibes Cultural, a partir das 19h30. Em Porto Alegre, no dia 15/10, às 19h30, no Centro Histórico-Cultural Santa Casa. No dia seguinte estará na Casa Firjan, no Rio de Janeiro, a partir das 19 horas. Os ingressos, pagos, devem ser adquiridos com antecedência.